

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE COMUNICAÇÃO – JORNALISMO

LUCENILSON SANTOS MELO

**AS REDES SOCIAIS DIGITAIS NO QUILOMBO RECURSO:
OS IMPACTOS A UMA COMUNIDADE TRADICIONAL.**

São Luís - MA

2024

LUCENILSON SANTOS MELO

AS REDES SOCIAIS DIGITAIS NO QUILOMBO RECURSO: os
impactos a uma comunidade tradicional.

Trabalho de Conclusão de Curso
(Monografia) de Comunicação –
Jornalismo da Universidade Federal do
Maranhão, desenvolvido como requisito
para obtenção do grau de Bacharel em
Comunicação Social - Jornalismo.

Orientadora: Prof^aDr^a. Patrícia Rakel de
Castro Sena.

São Luís - MA
Setembro/2024

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a)
autor(a). Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Melo, Lucenilson Santos.

Redes Sociais Digitais No Quilombo Recurso: : Os
Impactos A Uma Comunidade Tradicional / Lucenilson Santos
Melo. - 2024.

40 p.

Orientador(a): Prof. Dr^a. Patrícia Rakel de Castro
Sena.

Monografia (Graduação) - Curso de Comunicação Social -
Jornalismo, Universidade Federal do Maranhão, São Luís,
2024.

1. Redes Sociais Digitais. 2. Quilombo Recurso. 3.
Impactos. 4. Povos Tradicionais. 5. . I. de Castro
Sena, Prof. Dr^a. Patrícia Rakel. II. Título.

LUCENILSON SANTOS MELO

**AS REDES SOCIAIS DIGITAIS NO QUILOMBO RECURSO:
OS IMPACTOS A UMA COMUNIDADE TRADICIONAL.**

Trabalho de Conclusão de Curso
(Monografia) de Comunicação –
Jornalismo da Universidade Federal do
Maranhão, desenvolvido como requisito
para obtenção do grau de Bacharel em
**COMUNICAÇÃO SOCIAL -
JORNALISMO.**

Aprovado em: ____ / ____ / ____

XXXXXXXXXX
(Presidente/Orientador)

XXXXXXXXXX
Professor(a) avaliador(a)

XXXXXXXXXX
Professor(a) avaliador(a)

São Luís – MA
2024

“Recurso já era recurso.

Terra de esperança,

Boa de viver e de plantar.”

Valdomiro Melo

AGRADECIMENTOS

A minha orientadora, Prof. Dr. Patricia Rakel de C. Sena, pela sua paciência, disponibilidade, prontidão, experiência e sabedoria.

Ao meu orientador do projeto de TCC, Prof. Dr. Franklin Douglas, que me deu total apoio e as dicas que me fizeram com o tema deste trabalho,

Aos integrantes da banca de avaliação deste trabalho de conclusão de curso pela disposição e disponibilidade, Professoras Rosinete de Jesus Silva Ferreira e Sarah Fontenelle Santos.

A minha família por todo apoio, amor e por estarem sempre comigo desde o início de tudo e por acreditarem sempre em mim.

À minha comunidade por todo o apoio, colaboração e por serem o sujeito dessa pesquisa, um sonho que sempre tive em contar sobre sua história.

A minha prima, Ellen Karine, pela ajuda no processo de entrevistas a comunidade de Recurso.

Às minhas colegas de trabalho Lethicia, Lidyane, Elisa, Milenne, Janeth e Ana Letícia, pelo apoio nos estudos.

À minha amiga Nadia Cristina por todo apoio desde o início.

À minha dupla de amigas Maria Fernanda e Graziela, pela parceria e por estarem juntos até o final do curso.

Aos meus amigos (irmãos de consideração) Bruno Silva (Bruninho), Elielk, Felipe, por sempre me buscarem tarde da noite da avenida até em casa em segurança.

A minha amiga Kaylane Torres, por me ceder um quatinho de sua casa para dormir sempre que chegava tarde a Santa Rita depois da faculdade.

À prefeitura de Santa Rita por disponibilizar todos os dias, o transporte para levar os alunos para São Luís diariamente.

DEDICATÓRIA

Para os meus mestres e professores.
Para a minha mãe, Lucy.
Para os meus amigos.
Para os meus colegas.
Para a minha comunidade do Quilombo Recurso.
Para o legado do meu avô materno,
Raimundo Santos Campos, “Seu
Cococó” (in memoriam).

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. A chegada das redes sociais na comunidade foi algo bom ou ruim? Por quê?.....	34
Quadro 2. Qual foi a última coisa que você compartilhou? E por que compartilhou?....	35
Quadro 3. Houve mais impactos positivos ou negativos em relação às redes sociais na sua comunidade? Quais foram esses impactos?.....	37
Quadro 4. A cultura da comunidade foi afetada pela chegada das redes sociais na comunidade? De que forma?.....	38
Quadro 5. Quais os avanços que as redes sociais trouxeram para sua comunidade?....	39

LISTA DE SIGLAS

ADCT	Ato das disposições constitucionais transitórias
CONAQ	Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas
UC's	Unidades de conservação
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MA	Maranhão
CRAS	Centro de Referência de Assistência Social
AD	Análise do Discurso

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1. Sexo.....	31
Gráfico 2. Idade.....	32
Gráfico 3. Você se considera um quilombola?.....	33
Gráfico 4. Quais redes sociais você utiliza?.....	33
Gráfico 5. Em que ano você passou a utilizar essa(s) rede(s) social(ais)?.....	34
Gráfico 6. Você compartilha algo sobre o tambor de crioula/mina da comunidade?...	36
Gráfico 7. Você filma e publica conteúdos da cultura da comunidade?.....	37
Gráfico 8. Por quanto tempo você acessa as redes sociais durante o dia?.....	40

RESUMO

Este estudo discute sobre como as mídias digitais têm impulsionado mudanças metodológicas no cotidiano de comunidades tradicionais. Nesse sentido, compreende-se que as comunidades quilombolas vêm buscando alternativas para alcançar o desenvolvimento, principalmente o tecnológico. Este trabalho tem como objetivo apresentar e analisar os impactos causados pelas redes sociais digitais e a realidade tecnológica da comunidade quilombola de Nossa Senhora da Conceição, chamada de Recurso, e como a inserção desses instrumentos digitais influenciam no cotidiano da comunidade. Esse estudo é considerado relevante uma vez que há poucos estudos nesse campo sobre a contribuição do uso das tecnologias digitais em comunidades quilombolas. Para tanto, sua realização só foi possível com ajuda da fundamentação teórica de diversos autores acerca da realidade das comunidades quilombolas e do aparato legal que permite à elas terem acesso a esses bens, além de referências sobre os instrumentos tecnológicos digitais. Para realização desse estudo, baseamo-nos nos conceitos teóricos relacionados à teoria da Análise do Discurso, de Rosalind Gill (2008), que, enquanto instrumento teórico-metodológico, funcionará como ancoragem dos pressupostos e abordagens desenvolvidas ao longo do trabalho. Foi realizado um levantamento estatístico com 43 moradores da comunidade quilombola de Recurso, com idades entre 11 e 41 anos. A coleta foi estruturada em 21 perguntas acerca da forma como eles vêm tendo contato com as redes sociais digitais. Mulheres foi o perfil com maior número de respostas, 25 do total de 43. Na Análise de Discurso foram identificados dois tipos de categorização: a da semelhança e da contradição, no discurso, no contexto e nas palavras, possibilitou uma análise que resultou na identificação dos principais impactos encontrados na comunidade com a chegada das redes sociais digitais. Eles, em sua maioria, foram mais positivos quando se trata de acessibilidade às informações do “mundo real”. E também, impactos negativos quando se fala na cultura da comunidade, na utilização dessas redes para benefício do Quilombo. Ao analisar os discursos, fica evidente a necessidade de haver uma educação tecnológica cultural e midiática, além de um letramento territorial, a fim de tentar alertar sobre o uso das redes sociais digitais de uma maneira mais assertiva para a cultura e para a expansão de suas tradições e saberes, como também o de promover aos moradores uma autoidentificação como um quilombado/pertencente do quilombo. Por fim, analisou-se que o uso e apropriação do Instagram, WhatsApp e Facebook são voltados para o próprio uso pessoal dos moradores, não havendo de certa maneira, o uso específico dessas redes voltados para a cultura do Quilombo.

Palavras-chaves: Comunidades quilombolas/tradicionais, Redes Sociais Digitais, Análise do Discurso, Discurso.

ABSTRACT

This study discusses how digital media have driven methodological changes in the daily lives of traditional communities. In this sense, it is understood that quilombola communities have been seeking alternatives to achieve development, especially technological development. This work aims to present and analyze the impacts caused by digital social networks and the technological reality of the quilombola community of Nossa Senhora da Conceição, called Recurso, and how the insertion of these digital instruments influence the daily life of the community. This study is considered relevant since there are few studies in this field on the contribution of the use of digital technologies in quilombola communities. To this end, its achievement was only possible with the help of the theoretical foundation of several authors about the reality of quilombola communities and the legal apparatus that allows them to have access to these goods, in addition to references on digital technological instruments. To carry out this study, we were based on theoretical concepts related to the theory of Discourse Analysis, by Rosalind Gill (2008), which, as a theoretical-methodological instrument, will function as an anchor for the assumptions and approaches developed throughout the work. A statistical survey was carried out with 43 residents of the quilombola community of Recurso, aged between 11 and 41 years. The collection was structured into 21 questions about how they have been in contact with digital social networks. Women was the profile with the highest number of responses, 25 of the total of 43. In the Discourse Analysis, two types of categorization were identified: similarity and contradiction, in the discourse, in the context and in the words, enabling an analysis that resulted in the identification of the main impacts found in the community with the arrival of digital social networks. They, for the most part, were more positive when it came to accessibility to “real world” information. And also, negative impacts when it comes to the community's culture, the use of these networks for the benefit of Quilombo. When analyzing the speeches, it becomes evident the need for cultural and media technological education, in addition to territorial literacy, in order to try to raise awareness about the use of digital social networks in a more assertive way for culture and the expansion of its resources. traditions and knowledge, as well as promoting self-identification to residents as an quilombodo/belonging to the quilombo. Finally, it was analyzed that the use and appropriation of Instagram, WhatsApp and Facebook are aimed at the residents' own personal use, with there not being, in a certain way, a specific use of these networks aimed at Quilombo culture.

Keywords: Quilombola/traditional communities, Digital Social Networks, Discourse Analysis, Discourse.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	14
2. POVOS TRADICIONAIS: SOCIEDADES ORGANIZADAS E RESISTENTES.....	16
2.3 MÍDIAS DIGITAIS E POVOS TRADICIONAIS	20
3. UMA HISTÓRIA	24
3.1 UMA VISÃO DO HOJE.....	28
4. RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	30
5. ANÁLISE DE DISCURSO.....	40
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	46
7. REFERÊNCIAS.....	48
8. ANEXOS	49
9. APÊNDICES.....	50

1 INTRODUÇÃO

Com uma vasta diversidade de povos, o Brasil apresenta diferentes culturas e etnias, grupos sociais que ainda preservam e refletem o modo de vida que se assemelha a de seus antepassados. Destacam-se, por exemplo, comunidades remanescentes de quilombos que reproduzem, ainda nos dias de hoje, a organização social e cultural africana. É mediante essa afirmação que o trabalho intitulado: **“As redes sociais digitais no Quilombo Recurso: os impactos a uma comunidade tradicional”** foi desenvolvido, uma vez que se buscou identificar de que forma a chegada das redes sociais digitais (Whatsapp, Facebook e Instagram) na comunidade de Recurso, impactaram os moradores do Quilombo.

Assim, esta pesquisa visa à investigação a cerca do impacto da chegada das redes sociais digitais junto ao Quilombo, no intuito de averiguar de que forma a comunidade foi impactada com a tecnologia digital, direcionados aos seus usos, os avanços e o que foi comprometido, numa análise descritiva em relação a uma visão geral dos dados, e sobre a análise diagnóstica das possíveis causas dos impactos identificados. Assim, o presente trabalho torna-se relevante porque busca apresentar as formas e os meios pelos quais a comunidade remanescente quilombola de Recurso vivencia e mantém os valores, como o Tambor de Crioula e o Tambor de Minas, após a chegada das tecnologias digitais por meio das redes sociais mais presentes no Quilombo (Instagram, WhatsApp e Facebook).

O desejo de investigar essa comunidade partiu de que o tema ainda é pouco explorado no âmbito do campo da comunicação nessa região, apresentando certo tipo de “periferização” em relação ao tema que reproduz, em certa medida, a inexistência da atenção pública dada aos povos e comunidades tradicionais, voltados aos seus direitos, de forma geral e em especial. Mediante essa vaga atenção é refletida na morosidade dos estudos legais que envolvem as lutas desses grupos, na resistência contra as mídias digitais que ameaçam ou não suas crenças, culturas, no raso conhecimento sobre o uso e a apropriação dessas mídias em suas práticas socioculturais.

Evidenciamos que o comportamento dos quilombolas se torna mais visíveis com a evolução do processo de apropriação as novas tecnologias digitais em um crescente consumo social e cultural. A partir disso, têm-se, portanto, aquilo que guiará essa investigação a fim de responder às questões que darão norte a pesquisa: a) Quais redes sociais digitais estão sendo inseridos na comunidade quilombola de Recurso? b) Como

a comunidade quilombola de Recurso está reagindo com a chegada dessas redes sociais digitais e quais impactos foram encontrados? c) De que forma se dá o uso e a apropriação dessas redes sociais digitais por parte dos quilombos? Com esses questionamentos que fomentam o objeto da pesquisa, chegaremos ao cerne da questão que é de analisar os impactos das redes sociais digitais junto ao Quilombo Recurso a fim de verificar como foram apropriadas nessa comunidade, decorrentes de seus usos, avanços e seus retrocessos.

Neste trabalho vai ser usado como método de coleta a aplicação de questionário e entrevista, e como método de análise, a Análise do Discurso.

De modo que essa pesquisa desperta o entendimento de que os costumes preservados pelo homem, na sociedade a que pertence, constituem-se em conhecimentos e saberes primordiais para a continuação da cultura. Baseando-se nessa perspectiva, as diretrizes definidas para a fundamentação desta pesquisa, trar-se-á os estudos voltados: (i) povos tradicionais – entender a relação dos quilombos como uma sociedade organizada e resistente; (ii) como proprietários legítimos de terras; e (iii) as mídias digitais em territórios quilombolas – impactos positivos e negativos.

Como um aquilombado desta comunidade, minha contribuição será por meio da observação participante, já que todo o processo, estudado nesse trabalho, foi vivenciado por mim durante toda a minha vida como morador e filho da comunidade de Recurso, até os dias atuais.

No primeiro capítulo tem-se um estudo sobre povos tradicionais fazendo uma abordagem de suas resistências como sendo comunidades/sociedades organizadas, e trazendo um panorama sobre sua relação com as mídias digitais.

No segundo capítulo pensou-se na história do Quilombo, contando sobre sua formação e de como foi se organizando ao longo dos anos, com relatos de antigos moradores e fazendo uma comparação com os dias de hoje.

Já no terceiro capítulo, trazem-se os resultados obtidos por meio do questionário e entrevista que foram realizados na comunidade a fim de responder os objetivos deste trabalho, sendo apresentados por gráficos e quadros de respostas.

No Quarto e último capítulo, fez-se a análise de discurso das respostas obtidas do questionário e entrevista, a fim de compreender e responder sobre os impactos que foram identificados, que é o objeto principal deste trabalho.

No trabalho, foi feito um levantamento estatístico com 43 moradores da comunidade quilombola de Recurso, com idades entre 11 e 41 anos. Estruturado em 21

perguntas, o questionário buscava respostas acerca da forma como eles vêm tendo contato com as redes sociais digitais. Das 43 respostas, 25 eram de mulheres. Já na Análise de Discurso foram identificados dois tipos de categorização: a da semelhança e da contradição, tanto no discurso, no contexto quanto nas palavras, o que possibilitou uma análise que resultou na identificação dos principais impactos encontrados na comunidade com a chegada das redes sociais digitais: os positivos quando se trata de acessibilidade às informações do “mundo real”, e os impactos negativos quando se fala na cultura da comunidade, na utilização dessas redes para benefício do Quilombo.

Portanto, após analisar os discursos, identificou-se a necessidade de haver uma educação tecnológica cultural e midiática, além de uma educação territorial, com o intuito de tentar alertar sobre o uso das redes sociais digitais de uma maneira mais assertiva para a cultura e para a expansão de suas tradições e saberes, como também o de promover aos moradores uma auto-identificação como um quilombado/pertencente do quilombo.

Por fim, quando se fala na apropriação e no uso dessas redes sociais digitais (Instagram, WhatsApp e Facebook), analisou-se que são voltados para o próprio uso pessoal dos moradores, não havendo de certa maneira, o uso específico dessas redes voltados para a cultura do Quilombo.

2 POVOS TRADICIONAIS: SOCIEDADES ORGANIZADAS E RESISTENTES

Por mais que na história da humanidade os quilombos tenham sido constituídos antes ou após a abolição formal da escravatura, e conformam espaços de liberdade, territórios que não se compatibilizam com relações de subordinação, a sua historicidade ou mesmo, seu reconhecimento, não está relacionado com uma datação histórica específica muito menos se materializa mais pelo isolamento geográfico e nem pela homogeneidade biológica dos seus habitantes.

A “Comunidade de Nossa Senhora da Conceição”, conhecida popularmente pelo nome de “Recurso”, está localizada no município de Santa Rita, a 78 quilômetros de São Luís, capital do Maranhão. Tem 284 anos de existência e mantém fortes laços com as origens culturais de seus antepassados. Vivências culturais, como o Tambor de Minas e o Tambor de Crioula ainda estão muito presentes na vida dessa população. A

resistência e a luta na preservação desses valores são mostradas nas festas e danças que são realizadas na comunidade, prolongando-se através das gerações.

Inicialmente, para se ter um entendimento sobre o que são os povos tradicionais, é necessário discorrer sobre a sua definição segundo documentos oficiais já publicados, de forma clara, para que se inicie o processo de investigação sobre a sua relação com as redes sociais digitais. No Brasil, são definidos pelo Decreto 6.040/2007 como:

Grupos culturalmente diferenciados e que se reconhecem como tais, que possuem formas próprias de organização social, que ocupam e usam territórios e recursos naturais como condição para sua reprodução cultural, social, religiosa, ancestral e econômica, utilizando conhecimentos, inovações e práticas gerados e transmitidos pela tradição” (BRASIL, 2007).

Diante disso, a partir deste capítulo tratar-se-á alguns conceitos de mídias digitais e povos tradicionais. Na realidade empírica, estas são identidades coletivas, normalmente objetivadas em movimentos sociais (Almeida, 2008) e identificadas como ribeirinhos, quilombolas, indígenas, quebradeiras de coco babaçu, assentados, camponeses, entre outras designações.

A resistência quilombola traz em si um processo de construção que há muito se dá na história do país, e que se processa de diferentes modos de acordo com os contextos de cada período. A ocupação das terras brasileiras pelo poder colonial abarcou quase quatro séculos da história do país. Após a abolição formal da escravidão (Lei Áurea nº 3.353, de 13 de maio de 1888), levou-se cem anos para que fossem reconhecidos os direitos às terras aos descendentes dos antigos quilombos, através do Art. 68 do ADCT, incluído na Constituição Federal de 1988.

A sociedade brasileira, na pós-abolição, não efetivou um processo concreto de reconhecimento da população negra em sua diversidade como parte constitutiva própria, e assim construiu ao longo dos séculos 19, 20 e 21 um complexo enredo de desigualdade racial. Os segmentos e grupos empobrecidos de descendentes de africanos, cuja boa parte era de escravizados, mesmo após a abolição da escravidão e a Proclamação da República, permaneceram em completa e violenta desigualdade. Todavia, não apenas a opressão marca os processos vivenciados por esses grupos. É fundamental lembrar a importância que tiveram os movimentos, as resistências e reações por parte da população negra.

Destaca-se ainda o que revela a CONAQ (Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas) de que o território remanescente de

Comunidade Quilombola é resultado da concretização das conquistas dos afrodescendentes no Brasil, fruto das várias e heróicas resistências ao modelo escravista e opressor instaurado no Brasil colônia e do reconhecimento dessa injustiça histórica. Com isso, temos como a base da reprodução física, social, econômica e cultural da coletividade, o território (CONAQ, 2019). No Brasil, as comunidades quilombolas ganharam força nas reivindicações de seus direitos a partir da constituição de 1988. Antes disso, elas eram mantidas isoladas e marginalizadas. De acordo com a Fundação Cultural Palmares, o país tem hoje 2.961 certidões emitidas, beneficiando 3.638 comunidades remanescentes de quilombos.

A definição de Quilombo, segundo Arruti (2006), reforça suas características, de forma a definir, descritivamente, um caráter normativo: ruralidade, forma camponesa, terra de uso comum, apossamento secular, adequação a critérios ecológicos de preservação de recursos, presença de conflitos e antagonismos vividos pelo grupo e, finalmente, mas não exclusivamente, uma mobilização política definida em termos de auto-identificação quilombola. Essas comunidades remanescentes de quilombos estão inseridas no contexto das “comunidades ou povos tradicionais”.

O termo que abrange a categoria “povos ou comunidades tradicionais” é de certa forma, relativa em uma esfera governamental, acadêmica ou social. Essa expressão “comunidades ou populações tradicionais” desencadeou-se em meio a uma problemática ambiental, no contexto da criação das unidades de conservação (UCs) [áreas protegidas pelo Instituto Brasileiro do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis - Ibama], no objetivo de dar conta da questão das comunidades tradicionalmente residentes nestas áreas: Povos Indígenas, Comunidades Remanescentes de Quilombos, Extrativistas, Pescadores, dentre outras.

Essa problemática ambiental emergiu da necessidade de balizar a intervenção governamental após esses grupos darem início a uma organização localmente, saindo de um cenário a qual eram “invisíveis”. E assim, instituiu-se em dezembro de 2004, a Comissão Nacional de Desenvolvimento Sustentável das Comunidades Tradicionais, presidida pelo Ministério do Desenvolvimento Social e Combate à Fome e secretariada pelo Ministério do Meio Ambiente, editada e reformulada em julho de 2006. O objetivo era o de estabelecer uma Política Nacional específica para esses povos, oferecendo apoio, propondo, avaliando e buscando harmonia entre os princípios e diretrizes das políticas públicas, voltadas ao âmbito do desenvolvimento sustentável das comunidades tradicionais a nível federal, estadual e municipal. A Política Nacional foi construída

com ampla participação da sociedade civil, e foi decretada aos 07 de fevereiro de 2007 (Decreto 6.040).

Nesta perspectiva, falaremos sobre o Quilombo Recurso, como uma comunidade que se enquadra nessas definições. Uma comunidade que abriga tradição, saberes, e uma vasta cultura descendente de seus antepassados. É certo que os quilombolas têm se interessado em conhecer as tecnologias digitais – nesse caso inclui a internet, deixando, desse modo, uma lacuna aberta à inclusão digital. Mas esse processo de inclusão digital acontece de uma maneira distorcida, caracterizando-se como uma atividade difícil quando se fala no contexto das linhas tradicionais da cultura quilombola.

O processo de compartilhamento de injustiças e de lutas pela reversão do que hoje são os quilombos, ocorreu ao longo do tempo, desde a formação dos agrupamentos quilombolas, emergindo consigo suas formas próprias de reprodução da vida social, até se constituírem uma identidade étnica e coletiva. Paralelamente na história desses grupos, os sujeitos escravizados resistiram e protestaram principalmente por meio de fugas e insurreições. As margens das cidades ou até o ambiente rural serviram como refúgios, onde se formaram agrupamentos coletivos e que deram origem a pequenas comunidades, como por exemplo, o Quilombo Recurso. Vindo dos grandes centros de escravos em embarcações, os negros escravizados fugiam mata a fora no intuito de se livrarem dos senhores de engenhos.

Direcionados a então província do Grão-Pará e Maranhão, os negros ocupavam-se especialmente das lavouras e da pecuária. E nesse tortuoso de adaptação entre as matas locais, indígenas e negros, mesmo que conflituosas, estabeleceram relações com o entrelaçamento de conhecimentos e de outros aspectos culturais, oriundas das práticas religiosas e de cura.

Ao longo do tempo, o movimento quilombola como um todo passou, então, a agir sob as pressões de forma sistemática por meio de sua estrutura organizativa, fundamentada em coordenações e associações, como encontros e assembléias locais. Atualmente, no Quilombo Recurso, a associação é o principal e mais elementar dispositivo legal da comunidade. Sua coletividade é representada pela Associação dos Moradores e Moradoras Remanescentes de Quilombos Nossa Senhora da Conceição.

No que diz respeito às apropriações dos quilombolas por tecnologias de acesso à internet e aos usos de mídias digitais, até o início dos anos 2000, na comunidade de

Recurso ainda eram muito utilizados os chamados ‘orelhões’¹, até então única forma de comunicação eletrônica, presente na comunidade. Em pontos estratégicos pelo quilombo, as pessoas tinham grandes dificuldades de se comunicar com parentes e amigos que estavam distantes ou até mesmo para serviços primordiais, como saúde e educação. Com o advento das novas tecnologias digitais, a mobilidade começou a ser um ponto chave. Por volta dos anos 2001, os próprios moradores da comunidade que possuíam uma boa renda, principalmente os pais de famílias e aqueles que saíam para trabalhar compravam os aparelhos celulares para que pudessem melhorar a sua comunicação com a família. Isso porque não havia, naquela época, nenhuma política pública voltada para essa nova realidade tecnológica que começara a surgir na comunidade.

Geralmente localizadas em zonas rurais, ou em relativa distância das maiores cidades, o acesso à internet até então era precário e a conexão em banda larga ainda se tornava uma exceção fortíssima, tanto por questões econômicas, quanto de infraestrutura. Tudo ainda muito novo, as comunidades encontravam grande barreira quanto a essa nova realidade tecnologicamente que emergia pouco a pouco.

É importante destacar, que é necessário não esquecer que essas comunidades possuem uma cultura de hierarquia que não pode ser comparada com a da sociedade convencional, já que traços mais fortes estão firmados nos moradores mais velhos que a até então eram a única forma de comunicação quando se fala da história da comunidade. Ou seja, os mais velhos tinham que ser respeitados por ser uma fonte de informação e, principalmente, por não terem acesso a esses tipos de tecnologia, temiam que a comunidade deixasse de ter o interesse em continuar com os saberes e tradições da comunidade. A grande mudança, e talvez impacto, estaria para a nova geração que emerge nessas comunidades, num cenário de desenvolvimento/crescimento social.

1.1 Mídias digitais e povos tradicionais

No Brasil, autores como Primo (2013), Recuero (2012, 2009), Santaella (2013, 2010, 2007, 2004), dentre outros, têm apresentado proposições de concepções e de questionamentos sobre as diferentes plataformas que constituem as mídias sociais.

¹Sistema de comunicação pública criada para que as pessoas pudessem se comunicar utilizando uma espécie de crédito para poder realizar uma chamada telefônica em um curto período de tempo. Foi inspirada em um formato de ovo.

As mídias sociais fornecem um fundamental papel de aproximar as pessoas que a elas estão ligadas. De antemão, como podemos definir o conceito de mídia social? Segundo o que diz Gabriel Telles (2011, p.19) “várias pessoas confundem os termos redes sociais e mídias sociais, muitas vezes usando-os de forma indistinta”. Entretanto, para o autor, rede social é uma categoria de mídias sociais, uma ideia de conceito mais abrangente: “sites na internet construídos para permitir a criação colaborativa de conteúdo, a interação social e o compartilhamento de informações em diversos formatos” (Telles, 2011, p.19).

Pode-se dizer que as tecnologias digitais, atualmente, penetram em nosso presente de maneira que não só moldam como um meio de interação, mas como de transformação. Lucia Santaella (Primo, 2013, p. 33) diz que essas transformações superam “os aspectos sociocomunicativos” no intuito de “alcançar a digitalização das territorialidades, dos ecossistemas e de suas populações” ao provocarem uma alteração “maior que a esfera comunicativa e que abrange as dimensões habitativas”.

Embora a comunidade de Recurso ainda continue com suas tradições festivas, por mais que em pouca frequência, pode-se notar que essa era digital tecnológica tem mudado qualitativamente os modos de relação social no Quilombo; a internet, principalmente, enquanto um processo de inovação tecnológica traz resultados inovadores como novas formas de organização/ação para os quilombos em suas rotinas de acesso, conexão e de horários.

Basta entender o significado dessas comunidades para compreendermos sobre a discursividade de sua origem, sua historicidade e suas diversas formas de apropriação para o desenvolvimento que as próprias estão buscando.

Uma realidade da zona rural do Brasil é demarcada por grande êxodo, sobretudo da juventude que vê a falta da assiduidade de prestação de serviços com qualidade, infraestrutura, elevando o aumento dos índices de pobreza e de baixa escolaridade. O acesso às tecnologias digitais tem revolucionado os modos e gerado novos hábitos que afetam a comunidade e, sobretudo a juventude, bem como relações intersubjetivas. O advento da Internet trouxe diversas mudanças para a sociedade (Recuero, 2009, p. 24).

Os jovens por sua vez, aqui considerados como pessoas que transitam entre o campo e a cidade, desenvolvendo dessa forma características de consumo de tecnologias que talvez não seja tão comum ao “seu mundo”, desenvolve um pensamento dualista, a qual aproxima o jovem da ideia de como é preciso à inserção das tecnologias de forma organizada dentro de sua comunidade.

Como parte desse grupo durante vários anos, tive que sair da comunidade em busca de uma qualidade de ensino melhor, em busca de conhecimentos. Desde os 22 anos, moro sozinho, e desde 2019, ia da constantemente da comunidade até a capital São Luís para a universidade por meio do transporte escolar cedido pela prefeitura de Santa Rita aos alunos de universidades públicas e privadas. Durante quase 05 anos realizei este percurso para concluir a faculdade. E assim conseguir.

Raquel Recuero (2009, p. 24) diz que “uma rede social, assim, é uma metáfora para observar os padrões de conexão de um grupo social, a partir das conexões estabelecidas entre os diversos atores”. Busca-se, então, compreender como as redes sociais digitais estão se entrelaçam junto aos processos sociais e culturais do Quilombo Recurso.

Na interação entre moradores de comunidades quilombolas e as mídias sociais, podemos destacar que essa experiência traz consigo uma contribuição para a organização política dos povos quilombolas, o que acaba resultando no conjunto organizacional da resistência dos quilombos. São muitas as dificuldades de povos tradicionais com a chegada das tecnologias digitais. Entretanto, o que se quer entender é se as inserções dessas tecnologias reforçam a sua existência e resistência, se dão voz para lutar contra os preconceitos e se favorecem o desenvolvimento pessoal e da comunidade. Mas, sobretudo, como as tecnologias digitais mobilizam a comunidade, ou seja, como elas são apropriadas e como elas interagem com os modos de vida.

Raquel Recuero (2009) revela que o estudo das redes sociais, não é novo. Esse estudo da sociedade a partir do conceito de rede, segundo ela, representa “um dos focos de mudança que permeia a ciência durante todo o século XX”. Mas isso, sobretudo, é algo bem delimitado quanto ao que se espera estudar aqui. Pode-se, por exemplo, falar sobre a rede social entre os escravos, uma rede de interação entre eles para sua própria existência. Isso se representa através das rodas de tambores de Crioula e do Tambor de Mina, das suas reuniões entre si mesmos e entre momentos a qual tinham a oportunidade de reunirem.

A identidade social de um indivíduo depende, em boa parte, da comunidade à qual ele está ligado (Martino, 2014, p. 141). Luís Mauro Sá Martino (2014) diz que os relacionamentos pessoais não é um fenômeno criado pelos meios digitais, mas que “eles, na verdade, são a expressão de uma sociedade na qual as relações pessoais vêm se tornando igualmente efêmeras, rápidas e fáceis de serem esquecidas” e que, na verdade

“as mídias digitais se articulam, na atualidade, com a fragilidade dos laços humanos” ou talvez, no próprio fortalecimento desses laços.

A integração da internet e das mídias digitais estão imersas no cotidiano, ligadas de tal de maneira a outras atividades que podem passar despercebidas, já que quanto mais se espalha pelo cotidiano das pessoas, sobretudo, nas comunidades quilombolas, e deixa de ser notada, seus efeitos são mais fortes (Martino, 2014, p. 138). Isso não quer dizer que instrumentos tecnológicos como a internet, o computador, o smartphone, e principalmente, as redes sociais digitais, chegam a comunidades tradicionais, como o Quilombo Recurso, durante um processo de crescimento da localidade. Desse modo, busca-se compreender quais os impactos causados pela chegada desses instrumentos e a que nível eles atingem o cotidiano social e cultural do quilombo.

Lucia Santaella (2013, p.34), alerta, saber o que fazemos com as redes sociais digitais não é tão importante quanto saber o que as redes sociais estão fazendo conosco. O que estão fazendo com a nossa subjetividade e sociabilidade, com a nossa memória, com as nossas expectativas, anseios e desejos, o que estão fazendo com os nossos modos de receber informação, de nos darmos conta dos fatos, de adquirir conhecimento [...] (Santaella, 2013, p.34).

Se por um lado, busca-se chamar a atenção para processos comunicacionais que impactam sobremaneira as formas de vida e a fala – e sua obstrução. Por outro lado, tem-se a necessidade de compreender e constituir canais de fala para experiências de resistência de grupos silenciados, notadamente as de povos e comunidades tradicionais, em especial, o Quilombo Recurso.

Partindo da hipótese de que o tema ainda é pouco explorado no âmbito do campo da comunicação, revelando certa “periferização” epistemológica do tema que reproduz, em certa medida, a incipiente atenção pública dada aos povos e comunidades tradicionais, no que concerne aos seus direitos, de forma geral. De fato, no interior do amplo processo da chegada das redes sociais digitais em povos tradicionais, tal processo não corresponde somente a um meio de tradução digital de saberes e culturas locais, mas, entrelaçado na mesma medida, a de um processo de instauração de alteração do modo de conviver de comunidades quilombolas. Ao mesmo tempo em que, ao conectarem-se às redes sociais digitais, povos tradicionais conseguem expandir seus territórios, através de um dinamismo que conecta a outros contextos e culturas.

Ao analisar a histórica trajetória dos quilombolas, nota-se que sua autonomia vem sendo conquistada, emergindo através de sua organização social e política, na

medida em que tendem a construir projetos que de fato correspondam aos seus anseios e interesses. Essa luta engloba vários outros setores além de sua resistência, como por exemplo, a da educação, da saúde e, principalmente, na reivindicação de políticas públicas. É desse modo, portanto, que povos tradicionais vêm construindo suas histórias e firmando seu papel como representantes de ricos conhecimentos historicamente adquiridos.

É importante destacar que povos tradicionais, a exemplo dos quilombolas, têm se interessado em conhecer novas tecnologias, dando, dessa forma, espaço para um caminho aberto à inclusão digital, mesmo não sendo um processo de inclusão fácil.

É evidente que o acesso as mídias digitais atualmente é, para eles (a juventude de comunidades quilombolas e tradicionais), uma arma de emancipação, ou seja, um canal de diálogo com o mundo que possa lhes proporcionar respeito e desenvolvimento integral. Desse modo, as comunidades quilombolas, ao buscar e facilitar o acesso dos jovens quilombolas a tecnologias de informação e comunicação dão a essa juventude a responsabilidade de traçar as linhas de suas resistências, ou seja, dão a chance a essa juventude, de desenhar sua inclusão social.

Ao levar tudo isso em conta, Raquel Recuero (2009) aponta que os sistemas sociais e as redes sociais, assim, estão em constante mudança. E que essa mudança não é “necessariamente negativa, mas implica o aparecimento de novos padrões estruturais” Recuero (2009, p. 88). Ela destaca ainda que

As pessoas adaptaram-se aos novos tempos, utilizando a rede (social) para formar novos padrões de interação e criando novas formas de sociabilidade e novas organizações sociais, (Recuero, 2009, p. 88).

As tecnologias digitais, sem sombra de dúvidas, ficaram mais populares a partir das demandas que a sociedade identifica no cotidiano, desse modo, elas podem ser consideradas diferentes instrumentos, recursos, produtos, processos e instrumentos tecnológicos que melhoram as relações de produção e reprodução de vida.

2 UMA HISTÓRIA

Sobre o suor do negro africano, retirado de sua terra e de seus laços culturais, formou-se grande parte da riqueza do Maranhão Imperial. Estima-se que, as vésperas da independência, 55% dos habitantes do estado eram escravizados. A escravidão, porém,

não se estabeleceu sem resistência. Vivências culturais e religiosas como o Tambor de Mina² - uma religião de matriz africana que assimila elementos do catolicismo em suas manifestações culturais, e a própria formação dos quilombos são exemplos de que a escravidão não era aceita pacificamente.

Assim, surgiu a comunidade de Nossa Senhora da Conceição, povoado remanescente de quilombos, reconhecido oficialmente pela União. Chamada popularmente de Recurso, a comunidade está localizada no atual município de Santa Rita, próximo ao Rio Itapecuru, aproximadamente 70 km de São Luís, no Maranhão.

Com mais de 296 anos de existência, a comunidade de Recurso mantém fortes laços com as origens culturais de seus antepassados. Vivências culturais, como o Tambor de Minas e o Tambor de Crioula³ ainda estão muito presentes na vida dessa população. A resistência e a luta na preservação desses valores são mostradas nas festas e danças que são realizadas na comunidade, prolongando-se através das gerações.

No documentário **“Recurso para uma vida melhor” (2011)** produzido pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional), a história da comunidade de Recurso é contada por seus moradores mais antigos, que atualmente muitos já não se encontram mais vivos. Moradores como o senhor Valdemiro Melo, Dona Celeste, Maria Raimunda (Mundiquinha – já falecida), Rosmino Melo (atual presidente da associação na comunidade) contam como se deu a formação do quilombo ao decorrer dos anos, baseados em ensinamentos repassados por seus antepassados.

“A minha tia cansava de dizer para nós que ela quando se entendeu Recurso já era recurso. Terra de esperança, boa de viver e de plantar. Na época não tinha estrada de ferro, não tinha estrada de rodagem, a estrada para vir para o Recurso era pelo Rio Itapecuru”, relata seu Valdemiro Melo ao falar sobre a comunidade no documentário.

Grande parte dos negros que chegavam ao Maranhão eram trazidos da África e desembarcavam inicialmente no Porto de Alcântara e de lá seguiam por vias fluviais para fazendas situadas na baixada ocidental e nos vales dos rios Itapecuru, Mearim e Pindaré. Esses locais possuíam uma vasta riqueza em mata, rios e riachos. Esses aspectos deram condições para a criação de muitos quilombos nas cabeceiras de rios e locais mais distantes nas florestas.

² Religião de matriz africana que assimila elementos do catolicismo em suas manifestações culturais.

³ Uma forma de expressão de matriz afro-brasileira que envolve dança circular, canto e percussão de tambores, apresentando alguns traços que a aproximam do gênero samba: a polirritmia dos tambores, a síncope (frase rítmica característica do samba), os principais movimentos coreográficos e a umbigada.

A comunidade de Recurso possuía essas características e em consequência disso, diversas famílias começaram a se formar no Quilombo e ao longo dos anos despertado o interesse dos setores culturais e institucionais, em realizar estudos e pesquisas a cerca da cultura da comunidade e a relação com seus moradores.

Este estudo foi realizado na comunidade Quilombola Nossa Senhora da Conceição, localizada no município de Santa Rita (MA). O sustento da comunidade se dá basicamente através das plantações de mandioca, do milho, feijão, melancia, abóbora, entre outros. Há ainda a criação de gados, suínos e galinhas.

Já passados mais de 290 anos após a chegada e formação do quilombo na comunidade de Recurso, são seus descendentes que ouviam as histórias de seus antepassados que agora as transmitem para as próximas gerações.

Segundo Rosmino Melo, presidente da Associação de Moradores e Moradoras Remanescente de Quilombo Nossa Senhora da Conceição, em Recurso, a comunidade foi um local de grande concentração de escravizados, e que de acordo com o que seus antepassados o contaram, quando essas pessoas passavam por uma via do Rio Itapecuru, elas arrumaram um meio de fugir das embarcações para conseguirem um esconderijo na mata, às margens do rio. Ao fugirem mata adentro, após um grande percurso percorrido, chegaram à conclusão de que ali não teriam mais como serem encontrados. E seu líder, ao verem todos cansados, declarou que ali seria o último recurso deles, não podendo mais avançar, e daí veio à origem do nome Recurso.

A partir daí, outras comunidades como Santa Rosa dos Pretos e Fogoso foram sendo formadas e povoadas devido a esses ex-escravizados irem se casando e se instalando em áreas próximas ao Rio Itapecuru.

Maria da Graça Belfort, natural de Recurso, detalha no documentário sobre a construção e instalação do engenho no quilombo. Segundo ela, os filhos do Senhor Pedro Costa, senhor de engenho da região do Mearim, viajando pelo Rio Itapecuru, “aportaram no Porto de Timbotiba, e começaram a percorrer as terras”. Chegando à comunidade de Recurso, descobriram que ali era um quilombo onde havia muitos ex-escravizados. Com isso, houve a criação do engenho e as pessoas que fugiram da escravidão acabaram se tornando seus trabalhadores, nas mais péssimas condições de escravidão novamente. O que chama a atenção é que outros escravos, de fazendas próximas a região foram trazidos para aumentar o braço de trabalho dos senhores de engenhos. Dentre eles, os trazidos com os filhos de Pedro Costa da região do Mearim e

os que vinham fugidos em busca de uma “vida melhor” nos engenhos, moendo cana-de-açúcar.

Nessas fazendas, os negros que trabalhavam moendo a cana-de-açúcar, vestiam apenas uma saia de saco de estopa⁴ passado na cintura e tentavam sobreviver nas péssimas condições de trabalho.

Na comunidade de Recurso, durante esse período de escravidão, existia uma espécie de ficha (ou sunguelo como era conhecido) que era válida somente para os que moravam no quilombo naquela época. De acordo com o documentário, essa forma de moeda, até os anos de 2011, não havia 20 anos que tinha deixado de circular na comunidade. Rosmino ainda destaca que durante o período em que essa moeda circulava, ainda conseguiu criar duas de suas filhas, até que o “sunguelo” deixasse de circular. Valdemiro, de acordo com o documentário, diz que “se você não tivesse aquela ficha você não comprava na quitanda, podia estar com a fome que tivesse, mas se não tinha aquela ficha, não comprava”.

Antonio Lisboa Melo, já falecido, morador e natural de Recurso, junto com sua esposa, Raimunda de Souza Melo, já falecida também, conhecida como Mundiquinha, descreveram que essa forma de pagamento se tornava algo bem ruim porque deixava a comunidade “presa”, por não poderem comprar aquilo que queriam.

É certo que, se naquela época em que os escravos e posteriormente as pessoas que passaram a formar o quilombo Recurso no pós-abolição da escravidão na comunidade, se ao sentirem fome, não houvesse essa forma de obter comida, já que era o único meio possível, pessoas como Valdemiro, Rosmino Melo e tantas outras pessoas que hoje podem contar a história da comunidade com autoridade, não estariam vivas e nem tidas como uma representação da resistência do povo daquela época.

Uma figura que, apesar de muito tempo ter escravizado negros em sua fazenda, tornou-se uma peça fundamental para a “liberdade” da comunidade para povoarem e se tornarem donos de suas próprias terras. Lysuel Souza Calvet (já falecido) era o atual proprietário do engenho de Recurso, e em 2001 tomou a decisão de se desfazer da propriedade das terras, dividindo em quinze lotes, doando para seus trezes filhos e para os moradores que já estavam naquela época, arcando com todas as despesas.

⁴Trata-se de um tecido resistente e durável, amplamente utilizado em diversos setores industriais. Desde a manutenção e limpeza de equipamentos até a preparação de superfícies para pintura, a estopa é uma escolha popular devido à sua eficácia, versatilidade e custo-benefício.

Diante de toda essa “revolução”, os mais velhos moradores da comunidade afirmam que, agora, Recurso tem cidadania e igualdade de direitos para todos.

Em quase três séculos de existência, o Quilombo de Recurso, apesar de suas inúmeras mudanças, preserva e passa de geração para geração a cultura popular africana, seus saberes tradicionais como o tambor de Mina e o Tambor de Crioula, por meio da oralidade.

Saberes tradicionais como remédios caseiros (chá de hortelãzinho, de eucalipto, da raiz de erva de bicho), eram uma das principais formas de saberes passados de geração a geração que permanecem até hoje na comunidade. Esses remédios, dentre as mais diversas funcionalidades, serviam para curar doenças, gripes, mediante a produção de lambedores, óleos etc., tudo oriundo do “mato”.

A cultura da comunidade é representada pelo Tambor de Crioula e, originalmente, o Tambor de Mina. Nos sotaques das batidas dos tambores, no rodar das saias das dançantes e nas toadas dos brincantes, a cultura africana se enraíza nos traços e na empolgação de quem pratica e admira essa manifestação cultural.

Macumba, Candomblé, Umbanda são várias as definições que foram dadas ao Tambor de Mina na comunidade, que apesar de outras festividades como São João, Carnaval e o tradicional Festejo de Nossa Senhora da Conceição ser presentes no quilombo, era a única forma de diversão e manifestação representativa de Recurso. As danças, segundo o que dizem os moradores mais velhos do Quilombo, era pra satisfazer os “invisíveis” e que já se tornou uma manifestação tradicional da comunidade, na qual em qualquer oportunidade os brincantes se reúnem para se encontrarem nas rodas de tambor.

Um dos grandes desafios e prioridades, segundo Rosmino Melo, é a de preservar a cultura do Tambor de Mina, embora, ainda segundo ele, não sejam da religião. “Então, a gente vem tentando isso (preservar), porque é uma cultura que é origem mesmo da comunidade”, diz.

2.1 UMA VISÃO DO HOJE

Aliar a preservação do patrimônio histórico e cultural a novas oportunidades pode ser a estrada que conduzirá a juventude de Recurso a um destino melhor.

Na antiga estação de trem, que interligava São Luís à Teresina, hoje guarda a história dessa comunidade que por muito tempo foi considerada sinônimo de progresso

e integração, nas telas e artefatos expostos nas paredes e salões, após passar por um longo processo de restauração pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional) em 2012, levou à população de Recurso um novo significado de “recursos para uma vida melhor”, para as futuras gerações.

A roça, a agricultura familiar, se tornou e é, até os dias de hoje, a forma de trabalho e sustento de família mais predominante na comunidade, embora ainda seja mais praticada pelos mais velhos. Plantação de arroz, milho, mandioca para a fabricação da farinha d'água são os principais tipos de plantio nas roças do Quilombo. É devido a este tipo de serviço, que muitos pais de família e até mesmo a juventude interrompem seus estudos numa espécie de êxodo rural contemporâneo. Deixam a comunidade em busca de outros lugares que ofereçam outros tipos de trabalho.

Atualmente, o engenho ainda existe na comunidade, apesar de muito tempo ser sinônimo de trabalho escravo, hoje o cenário é diferente quando se compara há uns três séculos. Moradores da comunidade também trabalham no engenho para a produção da cachaça, que, aliás, é um dos maiores produtores de cachaça na região do Munim e Mearim. Mesmo o local onde se produz essa cachaça, ainda apresenta péssimas condições de trabalho como reservatórios expostos a ratos e outros animais, alta exposição dos trabalhadores em ambientes com alta temperatura e baixa remuneração.

A antiga estação de trem foi reformada e até meados de 2015 (período em que ainda se encontrava preservado após a reforma) era considerado um centro de cultura negra da comunidade, com diversas telas expostas nas paredes que contam sobre a história e sobre as pessoas que fazem parte da criação da comunidade; além de amostras de artefatos produzidos pelos moradores, de peças que representam o Tambor de Mina e de Crioula, e uma réplica de Nossa Senhora da Conceição.

Atualmente esse centro cultural encontra-se em total descaso, seja por parte dos moradores seja pelo poder público. As telas estão em avançado estado de decomposição e hoje funciona o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) da prefeitura de Santa Rita.

Com a chegada de aparelhos celulares na comunidade por volta dos anos 2000, uma nova realidade se concretizava na comunidade. Ainda que uma grande minoria utilizasse, era muito presente o “orelhão”, antiga forma de comunicação (telefonia fixa e coletiva) usada pelos moradores do Quilombo. Para se comunicar com parentes e amigos que saíam para trabalhar ou morar em outros estados, através dos “orelhões”, a

pessoa teria que comprar uma espécie de crédito para poder utilizá-lo em um determinado tempo, durante uma ligação telefônica.

Ao longo dos anos, essa forma de comunicação foi superada com a chegada de aparelhos telefônicos móveis na comunidade, porém, na época, apenas quem tinha condições financeiras melhores era quem os compravam.

3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A comunidade quilombola de Recurso é certificada pela Fundação Cultural Palmares, no município de Santa Rita, desde 2004. Recurso possui uma população que ainda guarda nas suas ações cotidianas dinâmicas ancestrais, seja no modo de estar e permanecer no território, seja resistindo à falta de apoio sociocultural e econômica. É relevante considerar que o Quilombo de Recurso faz parte do rol de comunidades que preservam sua riqueza cultural no município de Santa Rita.

Nesse cenário de preservação da cultura, podemos compreender que diferentes formas de resistência têm sido muito presentes dentro dessas comunidades, seja por um ideal de ser uma comunidade mais “conectada” com o mundo, seja pelo interesse de ampliar seu espaço de emancipação cultural. Dentro disso, pode-se citar a presença dos meios tecnológicos, a exemplo dos *smartphones*, através do acesso à internet, que possibilita uma vasta difusão de informação, que pode ser utilizada por milhares de pessoas todos os dias, através das redes sociais digitais. Nessa perspectiva, é necessário entender se esses meios tecnológicos afetam de alguma forma comunidades quilombolas, a exemplo do Quilombo Recurso.

Partindo dessa ideia, o presente trabalho tem por objetivo analisar e apresentar os impactos encontrados com a chegada das redes sociais digitais na comunidade, mostrando como os moradores têm feito para utilizá-las e a forma como estão reagindo a essa nova realidade.

Esse trabalho tem uma abordagem qualitativa que foi essencial para o processo de descrever a realidade tecnológica da comunidade Quilombola de Recurso. Mas também trazemos uma abordagem quantitativa, resultado dos dados obtidos a partir da aplicação de questionário, que faz um perfil educacional, etário e de acesso a tecnologias, do grupo pesquisado. Na apresentação dos dados obtidos, optou-se por exibí-los e analisá-los na forma gráfica, interpretando os resultados.

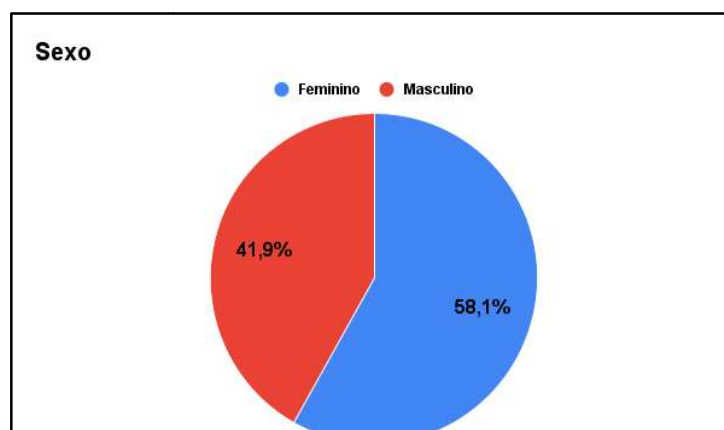
A realização de trabalho de campo se definiu em análise qualitativo-quantitativa por meio da aplicação de um questionário on-line, elaborado no Google *Forms*, com 21 questões objetivas, que abordam o tema em pesquisa. Os dados coletados a partir da resposta de 43 pessoas possibilitaram levantamento estatístico (a comunidade tem em média mais de 400 moradores) para a construção de um banco de dados vinculados à elaboração de gráficos, quadros, a fim de apresentar a realidade tecnológica e dos impactos dessa realidade na comunidade.

De forma complementar, realizou-se entrevistas a alguns dirigentes e/ou representantes de Recurso. Os sujeitos da pesquisa foram o presidente da comunidade, o qual respondeu sobre a utilização e o manuseio dos instrumentos tecnológicos e das redes sociais digitais utilizados pela comunidade. Duas pessoas, que cederiam também entrevistas, estavam impossibilitados por motivos de saúde. As perguntas foram respondidas em entrevista realizada de forma *on-line* e também através do aplicativo Whatsapp. Para esse momento de resposta, a justificativa foi baseada no fato do entrevistado não ter muita disponibilidade presencial já que, o presidente trabalha durante o período em que ocorreria a entrevista. Logo depois da coleta de dados por meio de questionário e entrevista em particular, foi criada uma base de dados, e realizada a análise.

Segundo a Associação de Moradores e Moradoras Remanescente de Quilombo Nossa Senhora da Conceição, a comunidade é formada por mais de 200 famílias e tem promovido uma vasta organização da comunidade, com intuito de buscar melhorias. Com a chegada da certificação, em 2004, o processo se evidenciou, e associação tem buscado e realizado projetos de desenvolvimento.

Foi realizado um levantamento estatístico com 43 moradores da comunidade quilombola de Recurso, com idades entre 11 e 41 anos. A coleta foi estruturada em 21 perguntas acerca da forma como eles vêm tendo contato com as redes sociais digitais. O Perfil das 43 pessoas que responderam ao formulário foi o seguinte: 25 do sexo feminino e 17 do sexo masculino, de acordo com o Gráfico 01.

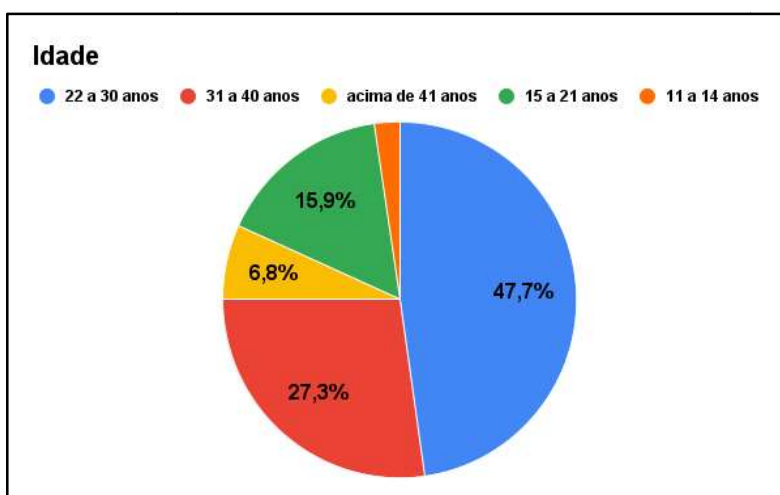
Gráfico 01: **Sexo**



Fonte: elaborada pelo autor (2024).

Quanto à idade, pode-se observar que o maior quantitativo de respostas foi de moradores que têm entre 22 e 30 anos, representando 48,8% dos respondentes; enquanto, em segundo lugar, 27,9% dos moradores que responderam o questionário têm entre 31 a 40 anos, de acordo com o Gráfico 02.

Gráfico 02: **Idade**

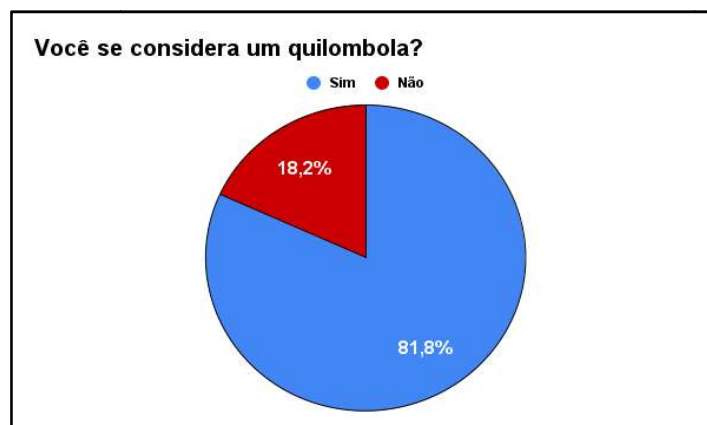


Fonte: elaborada pelo autor (2024).

Mais da metade dos que responderam a pesquisa (51,2%) possuem ensino médio completo, 02 possuem apenas ensino fundamental completo, enquanto os que têm ensino médio e superior incompleto empatam com 14%, total de 06 pessoas em ambos os níveis de escolaridade. Os que têm formação em nível superior representam 18,6%.

Com relação à identidade cultural, foi perguntado sobre quem se considera quilombola. Como resposta, 83,7%, que representam 36 moradores, responderam que se consideram quilombolas, enquanto 07 respostas foram de que não se consideram como um quilombo, 16,3%. Isso quer dizer que a maior parte da comunidade tem uma identidade cultural firmada e que o esforço de manter a representatividade do povo do quilombo tem dado certo, como mostra o Gráfico 03.

Gráfico 03: **Você se considera um quilombola?**



Fonte: elaborada pelo autor (2024).

Sabe-se que ao longo do tempo, muitas das comunidades quilombolas foram mantidas marginalizadas e longe dos processos de desenvolvimento; entretanto, nos últimos anos, a democratização de acesso à escola, direitos básicos, a resistência e a luta dos quilombolas por direitos, fortaleceu o ingresso no seu cotidiano, instrumentos de vivência e acesso ao que a sociedade em geral estava consumindo, como por exemplo, as tecnologias.

Quando perguntado quem possuía aparelho celular, 100% responderam que tinha. Nesse processo, dentre as principais respostas obtidas, é possível constatar que o uso do aparelho tecnológico se dá principalmente para comunicação com outras pessoas, por meio do uso das redes sociais que de um modo geral é muito usada entre os jovens, como em toda a sociedade. Sendo assim, no Gráfico 04, vamos observar quais e redes sociais os entrevistados usam, e quantidade que cada um usa o que pode chegar a até três redes entre as mais populares atualmente.

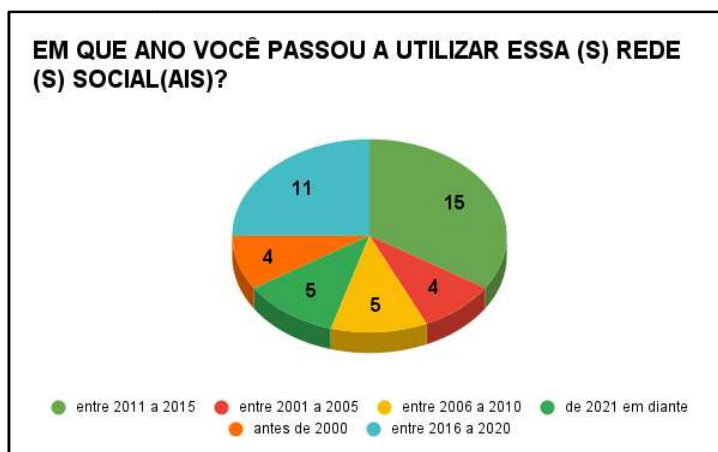
Gráfico 04. Quais redes sociais você utiliza?



Fonte: elaborada pelo autor (2024).

O uso dessas redes sociais se deu por volta dos anos 2000, tendo um uso mais frequente a partir do ano de 2011 com 34,9% das respostas. Em seguida, tem a seguinte ordem como ilustra o Gráfico 05.

Gráfico 05. Em que ano você passou a utilizar essa (s) rede (s) social (ais)?



Fonte: elaborada pelo autor (2024).

A pesquisa possibilitou identificar como a era digital também pode colaborar para a formação do indivíduo e sua inserção nos parâmetros da cidadania, e dessa forma observar como esses indivíduos consideram a inclusão das tecnologias digitais na sua comunidade. No quadro a seguir, poderemos analisar a resposta de cada um, quando perguntados se a chegada das redes sociais digitais foi algo bom ou ruim e o porquê de acharem isso⁵.

Quadro 01: A chegada das redes sociais na comunidade foi algo bom ou ruim? E por quê?

“Foi algo bom, pois podemos fazer divulgações de serviço de uma maneira mais rápida”
 “Acredito que bom, devido ao fácil acesso com informações exteriores”
 “Boa, porque ficamos por dentro de tudo que acontece”
 “Ótimo, pq facilitou muito nossa comunicação e trabalho”.
 “Bom, pq podemos acessar e ter mais conhecimento, informações”
 “Foi bom. Por que só assim as pessoas fica mais atualizado no que ‘tá’ rolando no mundo
 “Bom, porque abriu mais a mentalidade de muitas pessoas e ofereceu oportunidade de criar negócios”
 “Bom, mais facilidade para resolver as coisas”
 “Bom. Porque ficou mais fácil pra resolver as coisas sem precisar sair de casa, tipo pagar uma conta, fazer ligações via chamada de vídeo mais fácil de se comunicar com quem está longe e muito mais”
 “Bom, nos deixa mais informado, ir por dentro de tudo o que acontece ao nosso redor”

⁵ No Quadro 01 foram expostas algumas respostas selecionadas a partir dos questionários aplicados. As respostas com justificativas ou que se definiram para além de um “sim” ou “não”, foram as escolhidas para serem apresentadas aqui.

“Bom. Deu acessibilidade a todos!”

“Temos os dois lados, facilitou positivamente a comunicação e o acesso às notícias, mas também virou instrumento para semear coisas ruins”

“Muito bom, melhorou muito na comunicação e em outras coisas também”

“Bom, pq ajudou muito nos estudos”

“Bom, pq é muito importante para a comunidade, e também, agrega demais não só nas redes sociais mais como em um todo”

“Foi algo bom, pois facilitou o acesso com o resto do mundo, e também permitiu que muitas pessoas trabalhem ou estude através da Internet”

“Bom. Porque além de ficarmos informados dos acontecimentos do dia a dia, temos hoje a facilidade de nós comunicarmos com nossos familiares em qualquer parte do mundo”

“Bom, porque hoje em dia estamos mais atentos a tudo o que está acontecendo e antes não havia isso”

“Boa principalmente os negócios da comunidade”

“Bom, pelo fato de estreitar relações e fácil comunicação”

“Bom, mudou muitas coisas ficou melhor pra se comunicar com pessoas distantes”

“Bom. Permitiu-nos ter um maior contato com um maior número de pessoas, nos aproximando de quem não está próximo. São novas formas de comunicação. Uma das grandes vantagens é a comunicação instantânea que as redes sociais oferecem”

“Acredito que tudo tem lado positivo e negativo. Para uma comunidade distante, foi bom no quesito de ter acessibilidade para fazer muitas coisas em casa, o que antes teria que se dirigir para fora da comunidade. Ter a oportunidade de se comunicar com familiares que estão distantes através das redes sociais, com certeza foi algo inovador para quem teve acesso pela primeira vez. Essa aproximação, todavia, pode ter acarretado em um distanciamento. Não que tenha sido ruim, mas, por exemplo, adolescente que tem acesso muito rápido às redes acaba se desinteressando pelos estudos e isso se torna um atrapalho que precisa ser regrado, além de ser preciso supervisionar! Mas cabe aos responsáveis ter um olhar atento, e a todos nós enquanto adultos, não nos tornamos reféns das redes”

“Ótimo, nos aproximou de um universo muitas vezes distante da nossa realidade”

“Com certeza foi bom, melhorou a acessibilidade as informações”

“Bom, ajuda muitas pessoas, até pra trabalhar é útil”

Fonte: elaborada pelo autor (2024).

Também foi possível identificar por meio das respostas que existe certa controvérsia por parte dos moradores em relação aos conteúdos que compartilham. Isso porque, das 43 respostas sobre a última coisa que compartilharam, nenhuma foi em relação à cultura da comunidade ou sobre a própria comunidade, como mostra o Quadro 02 abaixo⁶.

Quadro 02. Qual foi última coisa que você compartilhou? E porque você compartilhou?

“Na verdade faço apenas parabenizações”

“Decoração de casa, porque eu gosto”

“Encontro de casais”

“Trabalhos da faculdade, uma brinquedoteca da faculdade de pedagogia”

“Trabalho realizado na escola. Para mostrar para os pais e comunidade o avanço das crianças”

“Festa das mães, motivo de gratidão”

“Produtos de cabelo, porque fiquei interessada pelo produto”

⁶Assim como no Quadro 01, no Quadro 02 foram expostas também algumas respostas selecionadas a partir dos questionários aplicados. As respostas com justificativas ou que se definiram para além de um “sim” ou “não”, foram as escolhidas para serem apresentadas aqui.

“Compartilhe um link de uma plataforma. Pra ele ganhar dinheiro”
 “Uma foto do dia das mães”
 “Uma foto que continha um texto de um livro que falava sobre aceitar e entender as coisas ruins que acontecem em nossa vida e aprender a seguir em frente”
 “Minha viagem, paisagem linda”
 “Vídeo do dia das mães, para minha mãe e todas as mães do meu contato”
 “O amor ao próximo. Gosto muito de amar”
 “Postei frases dos dias das mães”
 “Fotos dos dias das mães porque é uma data especial q não pode passar em branco”
 “Sobre as cidades que estão em situação de risco por com de alagamentos no estado do Maranhão. Achei interessante que as pessoas soubessem que nosso estado não está preparado para esse fenômeno”
 “Compartilhei um conteúdo sobre pintura com um amigo meu, porque serve de aprendizado”
 “Um vídeo falando do racismo, porque esse assunto não pode ser deixado de lado, por termos cores diferente somos todos iguais”
 “Eu compartilhei um vídeo gospel, compartilhei porque achei a ‘msg’ que o vídeo transmitia iria tocar em alguém”
 “Artesanato interesse em comum com amigos”
 “Uma foto, para homenagear minha mãe”
 “Não costumo compartilhar”
 “Compartilhei publicação do serviço, para ser divulgado cada vez mais”
 “Conteúdo jurídico”

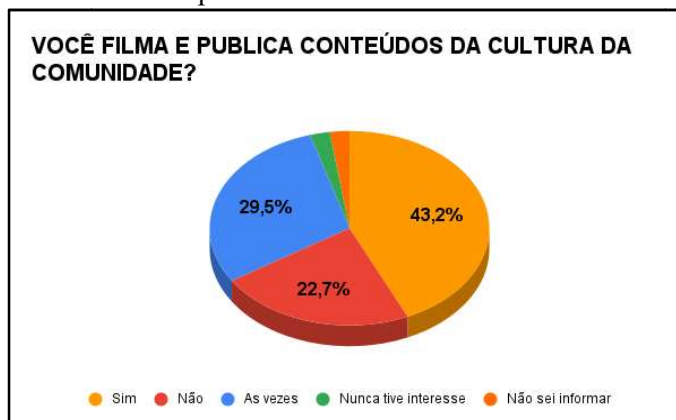
Fonte: elaborada pelo autor (2024).

Diante desses dados, achou-se interessante descobrir quantos moradores da comunidade postam ou filmam conteúdos voltados à cultura do quilombo como, por exemplo, o Tambor de Mina e o Tambor de Crioula. Os Gráficos 06 e 07, revelam que a diferença dos que compartilham conteúdos culturais da comunidade para os que não têm essa prática é de menos de 1%. Já os dos que filmam/produzem esses conteúdos são de 44,2% (19 dos entrevistados) comparado aos 30,2% dos que realizam essa prática às vezes, um total de 13 pessoas.

Gráfico 06. Você compartilha algo sobre o tambor de crioula/mina da comunidade?



Fonte: elaborada pelo autor (2024).

Gráfico 07. Você filma e publica conteúdos da cultura da comunidade?

Fonte: elaborada pelo autor (2024).

Foram identificados alguns dos impactos que a comunidade de Recurso enfrenta com a chegada das redes sociais digitais, embora sejam, na opinião dos moradores, mais pela falta de uma educação tecnológica, ou seja, de como usar esses meios digitais para a propagação da cultura da comunidade, mas que, mesmo diante dessa perspectiva, os impactos foram mais positivos. Os Quadros 03 e 04 trazem essas respostas de forma mais direta para entendimento sobre os impactos e a maneira como foi afetada a cultura do quilombo⁷.

Quadro 03. Houve mais impactos positivos ou negativos em relação às redes sociais na sua comunidade? Quais foram esses impactos?

“Mais positivos através do reconhecimento a comunidade ganhou muitas reconstrução de pontos importantes como a associação e da estação de trem”
 “Creio que um pouco de cada. A juventude vem focando mais em redes sociais e jogos online e deixando de lado os estudos. Já por outro lado hoje temos acessos a conteúdo de estudo e cursos que não tínhamos antes”
 “Positivo, porque sabemos de muitas coisas”
 “Os dois, porém o negativo que enfrentamos principalmente nas escolas é a falta de atenção dos adolescentes por conta do celular”
 “Positivos a comunidade ficou mais conhecida pela sua história na internet por todo mundo isso é uma riqueza ser reconhecido”
 “Não teve nem um impacto, somente melhorias”
 “Não vi nenhuma melhora em relação a visibilidade da cultura da comunidade”
 “Positivo, curso, aulas online e etc.”
 “Positivo. Por que muitas pessoas obtiveram mais conhecimento de tudo que acontece ao seu redor”
 “Positivo. A informação”

⁷Foram expostas no Quadro 03 e 04, algumas respostas selecionadas a partir dos questionários aplicados. As respostas com justificativas ou que se definiram para além de um “sim” ou “não”, foram as escolhidas para serem apresentadas aqui, de acordo como foi apresentado os Quadros 01 e 02.

“Negativo, os jovens estão cada vez mais refêm das redes sociais”
 “Positivo, pois ficamos informados e nos auxilia em estudos etc.”
 “Acho que os dois andam na mesma linha.”
 “Positivos, mais facilidade e praticidade pra acontecerem às coisas”
 “Acho que meio termo, mas não sei explicar quais foram”
 “Positivo, pois temos a facilidade de comunicação. Já os negativos, muitos casais se separam e as crianças não querem mais focar nos estudos”
 “Positivo, porque ‘hj’ em dia não precisa mais ‘tá’ em ruas ou avenidas pra ‘tá’ se comunicando com pessoas longes e as redes sociais facilitaram nesse modo de diminuir os roubos acidente e outras coisas”
 “Positivos. Culturais e rurais”
 “Positivos e negativos, assim como pessoas usam a seu favor para favorecer e facilitar sua vida de alguma forma, têm aqueles que usam sem controle trazendo sedentarismo para sua vida. Mas, no geral, eu vejo mais o lado positivo”
 “Acredito que positivo. Geralmente, em comunidades a área é mais difícil em relação até sinal de celular, então facilitou muito a vida de quem tinha algo importante para resolver, mas precisava ir à cidade. Ou até mesmo se comunicar com parente distante, porque antes não teria essa oportunidade”
 Positivos, por conta da atualidade

Fonte: elaborada pelo autor (2024).

Quadro 04. A cultura da comunidade foi afetada pela chegada das redes sociais na comunidade? De que forma?

“Sim de uma forma positiva nós dias de hoje sempre chega alguém atrás do tambor de mina ou do de crioula para apresentações ou filmagens”
 “Creio que foi bom, assim podemos mostrar nossa cultura e alcançar pessoas distantes e trazendo para admirar nossa cultura”
 “Foi afetada positivamente, por facilitou comunicação entre as comunidades.”
 “Comunicação”
 “Não, foi afetado”
 “Foi afetada com grades melhorias para nossa comunidade”
 “Apenas falta de incentivo de algumas pessoas”
 “Não. Pelo contrário através das redes sociais a população pode pesquisar e ver a importância da cultura da comunidade”
 “Não, só melhorou”
 “Foi muito bom q ajudou a divulgar a cultura quilombolas”
 “Não afetou de forma alguma”
 “Sim, o povo perdeu o interesse”
 “A única cultura que eu considero nesse lugar é o futebol! Isso sim tem raiz”
 “Acho que não foi afetada”
 “De forma alguma, fez foi agregar”
 “Não de jeito nenhum, pelo contrário permitiu que outras pessoas através das redes sociais pudessem ver nossa cultura”
 “Através das redes sociais a juventude q, ainda busca a cultura quilombola vem cada vez mais atualizada, ou seja, não se é mais como antes das redes sociais”
 “Sim. Ganhou mais visibilidade e interesse de uns com os outros para as questões culturais”
 “Não! De forma alguma, só teve melhoras”
 “Acredito que sim, de forma positiva. As redes sociais facilitaram a divulgação da nossa cultura”
 “Não diria que afetada, mas desinformada. Acredito que falta iniciativa de mostrar a cultura e isso é responsabilidade nossa, enquanto quilombolas. Quem conhece mais a história da comunidade são os mais velhos, e os mais novos parecem não ter muito interesse em saber, ou não tem realmente uma iniciativa para ser descoberta.”
 “A internet tem seu lado bom é ruim também”

Fonte: elaborada pelo autor (2024).

Os dados obtidos também revelam que 45,5% dos moradores afirmam que chegam até eles conteúdos/publicações relacionados ao Tambor de Crioula/Mina, enquanto 22,7% dizem que não recebem esses conteúdos e 31,8% só tem contato às vezes com esses tipos de assuntos.

No Quadro 05⁸ a seguir, os pesquisados revelam alguns dos avanços que a comunidade ganhou com a chegada das redes sociais.

Quadro 05. Quais os avanços que as redes sociais trouxeram para sua comunidade?

“Trouxe um grande avanço, pois na comunidade havia uma dificuldade enorme”
 “Trouxe muitas informações”
 “Vários, como por exemplo, tecnológico”
 “Reuniões, dinâmica”
 “Notícias em tempo real, isso ajuda muito nos usuários”
 “Como já disse já alta importância para toda população”
 “Mais acessos a redes sociais, facilidade e acessos a cursos online, melhoria em pesquisas”
 “Conhecimento”
 “Divulgação de projetos da nossa cultura”
 “A comunidade ficou mais reconhecida no estado pelos seus traços mais antigo e sua cultura”
 “Internet de graça para população para comunicação como familiares a distância”
 “A aproximação, inclusão, divulgação”
 “O acesso a informações”
 “Muitos avanços, porque é através das redes sociais que muitas pessoas distantes se comunicam”
 “A internet, ajustes nas praças, estações de Wi-Fi etc..”
 “Hoje, você não precisa mais se deslocar para fazer uma reunião por exemplo. Comprar um produto. Basta ter acesso à internet e uma conta em uma rede social. Sem contar que deu uma maior visão de mundo para as pessoas”
 “Grandes avanços de publicidade e visibilidade”
 “Deu-nos visibilidade.”
 “Muitos avanços, no estudo, na saúde, e até mesmo nas compras”
 “Como eu disse anteriormente, ela trouxe muitos benefícios, como poder estudar ou trabalhar a distância”
 “Comunicação e visibilidade”
 “Ficamos mais informados sobre os acontecimentos”
 “Acesso e divulgação de informações”
 “Melhorias para que nós fôssemos por dentro de todas as notícias do mundo”

Fonte: elaborada pelo autor (2024).

Perguntados se atualmente frequentam rodas do Tambor de Mina e do Tambor de Crioula, os pesquisados que responderam SIM representam 31,8%, equivalente a 14 pessoas. 18 responderam que não frequentam esses locais, representando 40,9%. Os que nunca tiveram interesse ou que só vão de vez enquanto, representam, respectivamente, 6,8% e 20,5%, 03 e 09 pessoas do total de pesquisados.

⁸No Quadro 05, as respostas expostas foram selecionadas a partir dos questionários aplicados. Foram escolhidas as que tiverem com justificativas ou que se definiram para além de um “sim” ou “não”.

Por fim, fez-se um levantamento de quanto tempo os pesquisados passam acessando as redes sociais durante o dia, a fim de tentar saber a relação dos moradores da comunidade com as redes sociais digitais. O gráfico abaixo traz esses dados.

Gráfico 08. Por quanto tempo você acessa as redes sociais durante o dia?



Fonte: elaborada pelo autor (2024).

Esses dados servirão de base para que se possam analisar e identificar quais os impactos causados pela chegada das redes sociais digitais na comunidade e fazer uma análise a cerca dos discursos e contextos presentes em casa resposta e dados apresentados nos gráficos e quadros aqui ilustrados.

Dessa forma, busca-se realizar uma análise de discurso e compreender qual a realidade presente no Quilombo de Recurso quanto a sua relação entre a cultura e as redes sociais digitais, através da análise do comportamento dos seus moradores, sejam pela fala ou pela prática.

4 ANÁLISE DE DISCURSO

A Análise de Discurso foca nos sentidos produzidos pelo discurso e nas relações de poder. Um tipo de análise que examina o que é dito e não dito em um discurso, levando em conta o contexto social e ideológico. A luz da análise do discurso, diz que a língua não é transparente, que os sentidos da linguagem não devem ser vistos a partir de sua inscrição, mas a partir de uma visão que considera os efeitos de sentido constituídos numa conjuntura social, tomado a partir de um lugar histórico e ideologicamente

marcado. Isso permite enxergar certa ambiguidade como mecanismo constitutivo da língua e não mais como um problema a ser eliminado. Na definição de Rosalind Gill

Análise de Discurso é o nome dado a uma variedade de diferentes enfoques no estudo de textos, desenvolvida a partir de diferentes tradições teóricas e diversos tratamentos em diferentes disciplinas. [...] O que estas perspectivas partilham é uma rejeição da noção realista de que a linguagem é simplesmente um meio neutro de refletir, ou descrever o mundo, e uma convicção da importância central do discurso na construção da vida social (Rosalind Gill, 2008, p. 244).

Isso quer dizer que, a análise do discurso (AD) aponta para o contexto em que a linguagem é produzida, considerando que esta não é transparente. Dessa maneira, o analista do discurso procura entender como esse texto significa. Sendo assim, a análise do discurso trata dos limites da interpretação como integrantes indispensáveis do processo de significação do texto.

A codificação inicial no presente trabalho implicou em examinar as transcrições e realçar as respostas que se referiam a algum tipo de impacto, positivo ou negativo, em relação à chegada das redes sociais digitais na comunidade. Neste sentido, categorizou-se levando em consideração as repetições e as diferenças muito díspares, contradições. Sendo, portanto, identificados dois tipos de categorização: o da semelhança e da contradição, no discurso, no contexto e nas palavras.

Na categoria da semelhança, identificou-se que a grande maioria dos que responderam ao questionário achou que houve mais facilidade para a comunidade com a chegada das redes sociais no Quilombo. Por meio dos dados obtidos do questionário e na entrevista realizada, é possível analisar nas respostas selecionadas que existe semelhança nas respostas da maioria deles, revelando um sentimento positivo em relação à chegada das redes sociais digitais.

Ao analisar o Quadro 01, podemos identificar que, das respostas selecionadas, há em seu contexto a expressão facilidade, indicando que a chegada das redes sociais digitais, a certo ponto, foi positiva. Nessa perspectiva, identifica-se que o sentimento de satisfação por parte da comunidade em relação ao acesso dessas redes trouxe um alívio para eles, a qual é perceptível o cenário de que eles viviam em certo mundo distante, por estarem longe das informações em relação ao que acontece no mundo, dando a entender que vivia em um cerceamento de acessibilidade ao “mundo real”.

A exemplo, essa afirmação pode ser identificada nas respostas obtidas do questionário, que são apresentadas a seguir:

“Bom. Porque além de ficarmos informados dos acontecimentos do dia a dia, temos hoje a facilidade de nos comunicarmos com nossos familiares em qualquer parte do mundo.”

“Bom. Porque ficou mais fácil pra resolver as coisas sem precisar sair de casa, tipo pagar uma conta, fazer ligações via chamada de vídeo, mais fácil de se comunicar com quem está longe e muito mais.”

“Bom. Permitiu-nos ter um maior contato com um maior número de pessoas, nos aproximando de quem não está próximo. São novas formas de comunicação. Uma das grandes vantagens é a comunicação instantânea que as redes sociais oferecem.”

O discurso por meio dessas respostas é semelhante em grande parte delas. Por muito tempo, a comunidade tem sido considerada sinônimo de forte manifestação cultural, seja pelo Tambor de Mina, o Tambor de Crioula, seja pela produção de artesanatos.

Os pensamentos dos moradores se assemelham diante do fator “dito”, ou seja, no dizer. A maioria que responderam ao questionário compartilha do mesmo falar, mas ao se analisar a prática, há contradição. Isso porque o que muitos dizem, poucos realmente fazem/praticam. Essa afirmação se consolida no que representa o Gráfico 06, a qual revela que aqueles que afirmam ter tido mais facilidade com a chegada das redes sociais, não realizam se quer a prática de divulgar conteúdos relacionados à cultura da comunidade, ou mesmo de produzir ou estar presente nas manifestações culturais do Tambor de Crioula ou o do de Mina, por exemplo.

Esse cenário traz a inquietação de desvendar essa dualidade entre o dizer e o fazer. Porque elas não praticam o que dizem? Percebe-se que a chegada das redes sociais digitais chegou para facilitar a acessibilidade a coisas mais do cotidiano (informações sobre lazer, jogos, mundo dos famosos etc.) do que para a própria promoção da cultura da comunidade. A exemplo, podemos identificar isso nas respostas obtidas no Quadro 03.

“Creio que um pouco de cada. A juventude vem focando mais em redes sociais e jogos online e deixando de lado os estudos. Já por outro lado hoje temos acessos a conteúdo de estudo e cursos que não tínhamos antes”

“Acredito que positivo. Geralmente, em comunidades a área é mais difícil em relação até sinal de celular, então facilitou muito a vida de quem tinha algo importante para resolver, mas precisava ir à cidade. Ou até mesmo se comunicar com parente distante, porque antes não teria essa oportunidade”

“Positivo, pois temos a facilidade de comunicação. Já os negativos, muitos casais se separam e as crianças não querem mais focar nos estudos”

“Positivo, porque ‘hj’ em dia não precisa mais ‘tá’ em ruas ou avenidas pra ‘tá’ se comunicando com pessoas longes e as redes sociais facilitaram nesse modo de diminuir os roubos acidente e outras coisas”

O Quadro 02 aborda o exemplo da categoria da Contradição. Podemos observar, levando em consideração os dados expostos nele que, dentre as respostas obtidas, nenhuma delas é relacionada à cultura da comunidade, quando é perguntado para essas pessoas qual foi última coisa que compartilhou e o porquê de ter compartilhado. Isso nos leva a uma contradição do discurso do “algo bom para a comunidade”. Mas, algo bom em quê? Traz-se novamente à discussão o fator “dito e não feito”, ou seja, o falar não coincidir com a ação, com a prática. Isso porque a maioria dos que responderam ao questionário, em um momento afirmam publicar/filmar algo da comunidade, mas ao serem questionados sobre o que publicam/filham as respostas não são nada relacionadas à cultura do Quilombo.

A comunidade de Recurso, em um levantamento realizado nas redes sociais digitais (Whatsapp, Instagram e Facebook), identificou-se que não há nenhum perfil da Associação dos Moradores da comunidade, ou mesmo, nenhum grupo de conversas para repasse de informações pertinentes ao Quilombo (reuniões, eventos etc.) e muito menos perfis dos grupos de Tambor de Crioula e de Mina da comunidade, para divulgação de ações, eventos etc. É um dado preocupante de certa forma para uma comunidade que afirma ter tido impactos positivos com a chegada dessas redes sociais digitais.

Na entrevista realizada com o presidente da Associação do Quilombo de Recurso, Rosmino Melo, ele ressaltou as mesmas impressões apresentadas nos quadros desta pesquisa. Suas falas nos trazem também semelhança e contradição, comparada àqueles que responderam ao questionário, quando aborda sobre os impactos que a comunidade de certa forma obteve nesse processo de chegada das redes sociais digitais. O seu discurso remete novamente o termo facilidade em relação aos impactos positivos para a comunidade como um todo, embora suas ações enquanto presidente, em se tratando das redes sociais digitais no Quilombo, são escassas. Dá a entender é que esses avanços “positivos” estão ligados somente ao acesso dessas pessoas a essas redes sociais e não como possibilidades tecnológicas de desenvolvimento e melhoria na comunicação da cultura da comunidade.

Esses avanços trouxeram mais visibilidade e acessibilidade ao dia-a-dia da comunidade aos serviços essenciais de comunicação. Observando esse cenário, acredita-se que a comunidade tem a urgente necessidade de uma educação tecnológica cultural e midiática, ou seja, saber usar a favor da cultura os principais meios de comunicação para a expansão de suas tradições e saberes. É mais necessário ainda, um letramento territorial a cerca do autoconhecimento, ou até mesmo, de uma auto-identificação territorial de onde se está inserido.

Diante disso, é necessária uma análise a respeito das duas categorias de análise de discurso identificadas no presente trabalho, visto que os impactos causados pela chegada das redes sociais digitais na comunidade possuem distintos sentidos.

É fato que as tecnologias digitais, hoje em dia penetram em nosso cotidiano moldando o modo como interagimos, como vivemos em sociedade. Lucia Santaella (2013, p. 33) destaca que essas transformações “ultrapassam os aspectos sociocomunicativos de alcançar a digitalização das territorialidades, dos ecossistemas e de suas populações, provocando uma alteração maior que a esfera comunicativa e que abrange as dimensões habitativas”.

Ao utilizar o termo educação tecnológica cultural, propõe-se uma educação voltada à pedagogia das mídias, uma definição em relação à importância pedagógica da educação para e nas mídias, como descreve Lucia Santaella (2013, p. 46). Portanto, a comunidade de Recurso possui desafios perante uma realidade educacional que está visivelmente apresentada por seus moradores, quando se traz à discussão sua cultura, suas tradições e, atrelada a ela, sua expansão social-cultural.

Quando abordado a ideia do fator “dito e não feito”, ou seja, o falar não coincidir com a ação, com a prática, Luís Mauro Sá Martino (2014, p. 141) diz que os relacionamentos pessoais não são um fenômeno criado pelos meios digitais, mas que “eles, na verdade, são a expressão de uma sociedade na qual as relações pessoais vêm se tornando igualmente efêmeras, rápidas e fáceis de serem esquecidas” e que, portanto, “as mídias digitais se articulam, na atualidade, com a fragilidade dos laços humanos”. Essa fragilidade talvez seja, portanto, o de não compreender realmente o papel social que as redes sociais digitais podem trazer como benefício para o Quilombo.

As questões colocadas em discussão aqui para análise de discurso levando em consideração os resultados extraídos do questionário tratam, portanto, de entender se a maioria dos que responderam estão deliberadamente dando uma explicação diferente da que realmente seja verdade, simplesmente dizendo aquilo que parece ser “certo” a dizer

ou aquilo que seja naturalmente estruturado para aquele momento/contexto interpretativo.

Uma das pistas analíticas essenciais para codificar as categorias de análise no presente trabalho, foi observando a maneira como os participantes envolvidos responderam ao questionário. A repetição de sentidos e o contexto vivido pela comunidade tornaram-se fatores determinantes.

Ao nos perguntar o porquê de não haver nenhum perfil, grupo ou algo do tipo que dissemine culturalmente a comunidade de Recurso, seja no WhatsApp, Facebook ou Instagram, instigou-nos a entender qual foi a “facilidade” que essas redes digitais trouxeram a cultura do povoado, levando em consideração os dados representados nos Gráficos 06 e 07.

Uma boa estratégia de Análise de Discurso útil e que foi utilizada neste trabalho, é a de “considerar as maneiras como as coisas são ditas como sendo potenciais soluções de problemas” (Rosalind Gill, 2008, p. 254), ou seja, a dualidade entre o sentido e o contexto vivido por cada morador da comunidade, contribuiu para que se extraíssem os principais pontos de cada uma das categorias de análise identificadas (a da semelhança e a da contradição).

Como diz Lucia Santaella (2013, p.34), muito mais importante do que estamos fazendo com as redes sociais digitais é saber “o que as redes sociais estão fazendo conosco”. Ou seja, ela faz um alerta sobre “o que estão fazendo com a nossa subjetividade e sociabilidade, com a nossa memória, com as nossas expectativas, anseios e desejos, o que estão fazendo com os nossos modos de receber informação, de nos darmos conta dos fatos, de adquirir conhecimento [...]” (Santaella, 2013, p.34).

As redes sociais digitais têm oferecido principalmente para a juventude, um novo olhar da sociedade, vivenciada por jogos online, fama e conteúdos voltados a uma realidade distinta da qual vem, culturalmente, vivenciando ao longo dos anos. Essa integração entre a internet e as mídias digitais está inserida no cotidiano, conectadas de tal de maneira a outras atividades que podem passar despercebidas, já que quanto mais se reflete através do cotidiano das pessoas, sobretudo, nas comunidades quilombolas, e deixa de ser notada, seus efeitos são mais fortes (Martino, 2014, p. 138).

Ao identificar a contradição no contexto das falas obtidas por meio do questionário, verifica-se que existe a necessidade de constituir uma relação entre o comportamento dos moradores com a chegada dessas redes digitais na comunidade ao ponto de buscar chamar a atenção para processos comunicacionais que impactam

sobremaneira as formas de vida e a fala – e sua obstrução. A partir disso, compreender e criar canais de fala e ações para experiências que de fato tragam uma visão mais assertivas, e que possam ensiná-los a usar as redes sociais digitais como meios de promoção de sua cultura, tradições etc., ocasionando numa utilização mais assertiva dessas redes.

O cenário a qual essas pessoas apresentaram estar vivendo, notadamente não sendo compatível com os sentidos identificados, talvez seja aquele a qual Raquel Recuero menciona ao dizer que “as pessoas adaptaram-se aos novos tempos, utilizando a rede (social) para formar novos padrões de interação e criando novas formas de sociabilidade e novas organizações sociais” (Recuero, 2009, p. 88).

Finalmente, quer-se alertar, caso não tenha ficado explícito, que esse presente trabalho não teve a pretensão de trazer definições que resolvam definitivamente os problemas com conceitos como o uso adequado das redes sociais digitais para fins específicos, meios de comunicação, resistência ou convergência de valores culturais. Até porque nem parece ser possível. Mas, o objetivo primordial foi de demonstrar as semelhanças e controvérsias de contextos e sentidos do atual cenário midiático encontrado no Quilombo Recurso, que justamente desafiam o contexto cultural constituído ao longo dos anos na comunidade. A ideia aqui debatida é de qual o papel das redes sociais digitais numa comunidade quilombola e os impactos por elas causados no comportamento dos moradores leva em consideração que para alguns, a centralidade dessas mídias podem ser negativas ou positivas, dependendo de como as usamos (Primo, 2013, p. 29).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O principal objetivo dessa pesquisa era investigar e compreender os impactos causados pelas redes sociais digitais no Quilombo Recurso. Eles, em sua maioria, foram mais positivos quando se trata de acessibilidade às informações do “mundo real”. E também, impactos negativos quando se fala na cultura da comunidade, na utilização dessas redes para benefício do Quilombo.

Isso fica evidente ao analisar os discursos e reforça a necessidade de haver uma educação tecnológica cultural e midiática, a fim de tentar alertar sobre o uso das redes sociais digitais de uma maneira mais assertiva para a cultura e para a expansão de suas tradições e saberes.

Analisou-se que o uso e apropriação do Instagram, WhatsApp e Facebook são voltados para o próprio uso pessoal dos moradores, não havendo de certa maneira, o uso específico dessas redes voltados para a cultura do Quilombo, isso se confirma nos dados apresentados nos gráficos e quadros de respostas, e principalmente, na ausência de perfis e grupos de conversas nessas redes sociais.

As redes sociais estão cada vez mais presentes no contexto político e social. Essa nova dinâmica estabelecida na sociedade possibilita a expansão e troca de conhecimentos interculturais, em que pode haver o compartilhamento de novas identidades.

Desse modo, os dados apresentados até aqui indicam que é possível incorporar nas redes sociais digitais o debate acerca da educação tecnológica cultural e midiática, e expor a realidade de muitos povos tradicionais no Brasil, a fim de colaborar que a cultura desses povos sejam fragilizadas e esquecidas.

O crescimento do uso das redes sociais digitais é outro indicativo que há espaço para o desenvolvimento de conteúdos culturais e sociais, já que há uma tendência à expansão de nichos e públicos específicos, que visam consumir tópicos relacionados aos seus interesses políticos, sociais e culturais.

Neste sentido, este estudo também contribui para lançar luz, de modo concreto e ilustrativo, no papel das redes sociais digitais em comunidades tradicionais e quilombolas, como é o Quilombo Recurso, a partir de uma visão analítica. Por fim, este trabalho, ao lançar um olhar sobre os grupos tradicionais, o Quilombo Recurso, ajuda, portanto, a especificar algumas questões sociais sobre as tecnologias digitais enquanto ambientes contemporâneos em que esses conflitos ocorrem e seus impactos na sociedade.

7 REFERÊNCIAS

DOCUMENTÁRIO - **Iphan lança documentário sobre comunidade quilombola no Maranhão.** Publicado em 28 de setembro de 2011, às 14h22. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/1349/iphan-lanca-documentario-sobre-comunidade-quilombola-no-maranhao>.

DIAS, Camila; OLIVEIRA, Bruna; ANDRADE, Marina; SILVA, Fernanda; RODRIGUES, Jeane. **Manifestações culturais de origem africana da comunidade quilombola Nossa Senhora da Conceição, conhecida popularmente de Recurso, interior de Santa Rita – Maranhão.** Artigo disponível em <http://www.sbpcnet.org.br/livro/64ra/resumos/resumos/6879.htm>.

SILVA, Joseane. **Comunidades Quilombolas; suas lutas, sonhos e utopias.** Artigo disponível em <https://www.palmares.gov.br/sites/000/2/download/artigo-cqlutassu.pdf>.

DIAMANT, Carol. **As mídias digitais em territórios quilombolas.** Publicada em 5 de dezembro de 2022, na plataforma Jornalismo Digital, disponível em <https://ijnet.org/pt-br/story/m%C3%ADdias-digitais-em-territ%C3%B3rios-quilombolas>

CRUZ, Alexandre Franco da; BARGAS, Janine de Kássia Rocha. **Mídia e povos e comunidades tradicionais:** uma revisão de literatura. Artigo apresentado na IJ08 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do 42º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Belém - PA – 2 a 7/09/2019. Disponível em <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2019/resumos/R14-0710-1.pdf>

SOUZA, J. H. S.; NOGUEIRA, U. S.; GUEDES, A. M. A.; SANTOS, M. G. **Os instrumentos tecnológicos digitais e suas contribuições para o desenvolvimento da juventude da comunidade quilombola de Lagoinha-BA.**

SOUSA, Claudemir. **Os saberes que constroem a identidade quilombola na mídia:** uma análise arqueogenealógica do discurso.

ANEXOS

ANEXO 01.



Foto: Centro de Cultura Negra do Quilombo Recurso, em Santa Rita. Fonte: pelo autor (2024).

ANEXO 02



Foto: Auditório do Centro de Cultura Negra do Quilombo Recurso, em Santa Rita. Fonte: pelo autor (2024).

ANEXO 03



Foto: Engenho onde é produzido a cachaça no Quilombo Recurso. Fonte: De autoria do autor (2024).

APÊNDICES

MODELO - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO****TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO**

Conforme disposto na Resolução do CNS 510/2016 e na Resolução do CNS 466/2012, você é convidado (a) a participar, como voluntário (a), desta pesquisa acadêmica do curso de Comunicação Social – Jornalismo, da Universidade Federal do Maranhão – UFMA, que tem como título “As redes sociais digitais no Quilombo Recurso: os impactos a uma comunidade tradicional”.

A sua participação é voluntária e não será disponível nenhuma compensação financeira adicional, bem como a recusa em participar não acarretará qualquer custos, penalidade ou perda de benefícios. Você pode recusar-se ou interromper sua participação a qualquer momento. A aplicação dos questionários e/ou entrevistas ocorrerão na modalidade *on-line* através da plataforma do Google *Formse* via aplicativo WhatsApp.

O pesquisador garantirá o sigilo do seu nome e das informações pessoais coletadas, mas ao aceitar participar concorda que os resultados finais poderão ser apresentados na forma de trabalho de conclusão de curso, artigos e outros eventos ou publicações científicas.

Eu, _____, portador do CPF _____, declaro-me ciente e de pleno acordo em participar voluntariamente do estudo e autorizo o uso científico e a divulgação científica dos resultados, e que os resultados obtidos farão parte do trabalho de conclusão do curso (monografia) da Graduação em Comunicação Social – Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão, sob a supervisão da professora orientadora Dr^a Patrícia Rakel de Castro Sena. Recebi uma cópia deste TCLE e me foi dada a oportunidade de ler e esclarecer as minhas dúvidas.

São Luís, _____ de _____ de 2024.

Assinatura e e-mail do participante

Assinatura do pesquisador
Lucenilson Santos Melo
(lucenilsonoficial@gmail.com)
Graduando – Comunicação Social – Jornalismo,
Universidade Federal do Maranhão

FORMULÁRIO DE PESQUISA

REDES SOCIAIS DIGITAIS E O QUILOMBO RECURSO: os impactos a uma comunidade quilombola.

A pesquisa visa identificar os possíveis impactos causados pelas redes sociais digitais na comunidade quilombola de Recurso, Santa Rita - MA. Identificar quais as redes sociais mais utilizadas e em qual proporção e função elas são usadas.

Faça [login no Google](#) para salvar o que você já preencheu. [Saiba mais](#)

* Indica uma pergunta obrigatória

Idade *

- Abaixo de 10 anos
- 11 a 14 anos
- 15 a 21 anos
- 22 a 30 anos

VOCÊ SE CONSIDERA UM QUILOMBOLA? *

- Sim
- Não

QUAL SUA RENDA MÉDIA *

- 600
- Até um salário mínimo
- dois salários mínimos
- três salários mínimos
- acima de cinco salários mínimos

POSSUI APARELHO CELULAR? *

- Sim
- Não

Idade *

- Abaixo de 10 anos
- 11 a 14 anos
- 15 a 21 anos
- 22 a 30 anos
- 31 a 40 anos
- acima de 41 anos

Sexo *

- Masculino
- Feminino
- Prefere não informar

Nível de escolaridade *

- Analfabeto
- Ensino Fundamental Completo
- Ensino Fundamental Incompleto
- Ensino Médio Completo
- Ensino Médio Incompleto

docs.google.com